



EM RIO TINTO: Dura faina

(Cliché D. Alvão, Porto).

II SERIE—N.º 689

ASSINATURAS:—Portugal, Colonias portuguezas e Espanha: Trimestre, 1\$00 ctv.
Semestre, 3\$75 ctv.—Ano, 7\$50 ctv.

Numero avulso, 15 centavos

Numero avulso em todo o Brazil, 700 rs.

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal

O SECULO

Lisboa, 5 de Maio de 1919

Director—J. J. da Silveira Graça

Propriedade de J. J. da Silveira Graça, Ltd.

Editor—Jorge Grave

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 45—LISBOA



RODAL

Tonico MARAVILHOSO
contra a caspa e a
CALVICIE.

Este tonico tem si-
do usado com grande
exito pelas numero-
sas clientes de Ma-
dame Campos que o
preferem a qualquer
outro.

Resposta mediante
estampilha.

Academia Scientifica de Beleza

Directora MADAME CAMPOS

(Laureada pela Escola Superior de Farmacia de Coimbra).

(CASA FUNDADA EM 1912).

AVENIDA, 23 TELEFONE 3641

Reconstituente
Alimento Phosphatado

BANANINE MIALHE

Creanças, Convalescentes,
Tratamento das enterites

8, Rue Favart, Paris



Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

M.^{me} Tula

Tudo esclarece no passa-
do, presente e futuro. Con-
sultas 15000, 28000 e 54000 rs.,
das 11 às 17 h. **Campo Gran-
de, 264, 2.º** Trata-se por
correspondencia enviando 15
-entavos para resposta

RETROZARIA DA MODA

TELEFONE 2962
276, RUA DO OURO, 278

Artigos «chics» de sua espe-
cialidade. PELES FINAS -
BOAS DE PLUMAGENS.
Ultimos modelos parisiens-
ses. ARTIGOS PARA BOR-
DAR.—Recomendaveis a to-

dos os collegios.—Preços resumidos.

Colares "Viuva Gomes"

— A MAIS VELHA MARCA
DE VINHOS DE COLARES

Unica premiada com "GRAND PRIX"

SUCURSAL EM LISBOA.

Rua Nova da Trindade, 90

1 eifone 1644

SEDE

Colares-Almoçageme

DOENTES

A Moderna Therapeutica Magnetica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NA-
TURALS, especificados para cada caso e devidamente in-
dividualizados, constitue

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR as doencas de qualquer orgão: estomago,
intestinos, ligado, rins, coração, etc., ou vias urina-
rias, respiratorias e circulatorias; hemorroidal, doencas da nu-
trição, nervosas, artriticas ou linfaticas, paraliticas ou irri-
tativas **por graves e antigas que sejam**: assim o tenho
afirmado na minha longa pratica no estrangeiro, e aqui
pelas numerosas curas que tenho realizado.

**Os que sotrem não devem, pois, hesitar, a sub-
meter-se aos meus especiais tratamentos**

FISICO-MAGNETICOS E DIETETICOS

De cujos favoraveis resultados **me responsabilizo**.
Dr. P. Indiveri Colucci, consultorio **Psico-magnetote-
rápico**. T. C. João Gonçalves, 20, 2.º E., ao Intendente.

Paes e mães Casamentos vantajosos

Conseguirão todas as pessoas de am-
bos os sexos que desejem. N'esta insti-
tuição se encontram inscritas senhoras, senhoritas e cavalheiros
de todas as camadas sociais e com fortunas de 5 a 500 contos.
Atualmente, entre outras, citaremos menina uruguaiana, orfã in-
dependente, descendente de brasileiros, elegante e instruida, do-
tada com 100 contos. Esta instituição tem realizado importantes
casamentos e outros muitos que já estão — relações directas. Os
pretendentes podem dirigir-se — tranqueando resposta a **Matrimo-
nial Club of New-York**, no PORTO. Responde-se a todas as car-
tas e guarda-se absoluta reserva.

Segunda série — N.º 689

5 de Maio de 1919

Batalhão académico

Contamos o ultimo domingo do mês que passou como um dos dias mais alegres da nossa vida, a compensar uma semana de contrariedades, que não veem para aqui.

A leitura matutina do jornal determinou imediatamente a elaboração d'um programa tentador, a começar pela festa de homenagem, no Coliseu dos Recreios, ao batalhão académico, que se anunciava com simplicidade: saudações aos rapazes, pelo comandante de uma coluna do norte contra os insurrectos monarchicos, allocução e entrega d'uma bandeira pela promotora da festa, discursos patrióticos e o hino nacional pela banda dos marinheiros. Assistindo,



remoçamos vinte anos, sentimo-nos novamente envolvidos na capa negra de saudosas aventuras e revigorou-se em nós a antiga fé, que muitas desilusões posteriores não conseguiram entibiar.

No nosso tempo de estudante não tivemos que expôr o peito ás balas, nem atravessámos o país ao som da trombeta belicosa; sobre nós disparavam-se sómente olhares incendiarios de senhoras formosas e a musica, a acompanhar a marcha da tuna académica, que visitou Portugal até os seus confins e ainda entrou por Espanha, eram *pasa-calles* joviais. No entanto, os estudantes de hontem e os de hoje pisavam a mesma estrada e seguiam estrela igual: iam por sua dama, a Patria, para cuja defesa tanto se contribui cantando como morrendo.

Belo principio de domingo, aquele!

O primeiro bairro social

O segundo ponto do programa não foi menos consolador para um espirito que teima em se conservar novo, embora acomodado em envolvero sensivelmente gasto pelo tempo: iamos presenciari o lançamento da primeira pedra para a construção dos bairros sociais,



que por iniciativa do sr. Augusto Dias da Silva, ministro do trabalho, o governo resolveu efetuar em Lisboa. Poucas vezes aos nossos olhos se desenrolou espectáculo tão imponente, não que nos surpreendesse a quantidade de pessoas que enchem o

vastissimo recinto, mas pelo pensamento que a todos ali reunia e pelo que se lia n'aqueles milhares de olhos, iluminados de esperanças. Tornava-se, finalmente, palpavel, material, de facil verificação, um anseio de muitos anos de lutas encarniçadas, de desanimos e de vitorias fugazes. E a confiança, que entre os estudantes ha pouco, no Coliseu, nos tinha animado, arrejigou-se mais profundamente no nosso coração, onde obstinadamente se abriga, resistindo a todos os contactos malevolos e a todas as cobardias que tentem arranca-la d'ali.

Discursou-se tambem n'esta festa de operarios, mas, como na anterior, tanto ou mais nos comoveu o que não ouvimos como o que escutámos.

Continuámos a abençoar aquele domingo.

Rosas

Marcava o programa, em terceiro lugar, uma visita á exposição de rosas dos horticultores srs. Moreira da Silva & Filhos, que ha certos anos a esta parte teem o bom gosto de trazer a Lisboa um pouco do encanto dos seus jardins do norte. E se bem estivemos entre estudantes e entre operarios, bem estivemos tambem entre rosas, todas portuguezas, apezar dos nomes estrangeiros com que muitas foram baptisadas, sem culpa das pobresitas, as quais, como as crianças que vão á pia ou ao registo civil, não tinham voz para se oporem ás afirmações dos padrinhos.



A festa que ali se reunia não era ruidosa, como as que tinhamos presenciado pouco antes, mas tambem nos banhou n'uma deleitosa suavidade, deu-nos no perfume, na côr e na delicada forma o regosijo de viver e de viver aqui, onde, ao contrario dos que pouco veem ou dos que de proposito veem mal, se nos deparam magnificas manifestações de resistencia e de vitalidade, maravilhas efflorescencias nas almas de todos os seres. Terra com tais flores, animadas ou não, como não havemos de a amar?

Domingo mais belo nunca tinhamos passado.

«Mãos da vida»

O ultimo ponto do programa seria realisado em casa, n'um acanhado gabinete que, em ocasiões de aprazível meditação, não trocaríamos pelos mais sumptuosos salões do mundo. Tíhamos a cumprir uma promessa, que vinha a ser o completarmos a leitura do romance de Manuel de Sousa Pinto, *Mãos da vida*, cujo aparecimento no mercado apontámos em breves linhas

Foi mais uma festa, o percorrer das ultimas paginas do livro, em que o bom gosto se revela a cada passo, em multiplas gamas, como se o autor fosse



além de literato, musico, pintor, escultor... Escultor, principalmente, porque é a escultura a que a sua obra canta, sentindo como o profissional do marmore, conhecendo da forma todas as subtilezas, todos os requintes,

todas as sensualidades. Dificilmente se convencerá o publico de que o livro não foi escrito por um escultor, que conhecesse tambem o segredo de traduzir o pensamento pela palavra e pela frase mais proprias, e é preciso lembrar-se de que a análise pratica prodigios pela mão criadora da Arte para acreditar que o Martins Gralheira, da *Mão da vida*, não é o proprio Manuel de Sousa Pinto e que não foi este quem modelou a *Venus da raquette*.

Terminámos a leitura á ultima badalada da meia noite. Bem passado domingo!

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).

AMBLETEUSE



Em Ambleteuse — Um trecho da praia e do forte, vendo-se um navio naufragado

Os panegiristas de Ambleteuse exaltam-lhe a situação admirável por estar esta praia colocada ao centro de uma vasta baía que ocupa uma curva de uns 20 kilometros, de que uma das extremidades, ao sul, é formada pelas *falaises* e pelo porto de Boulogne e a outra extremidade, ao norte, pelos rochedos de Audresseles e pelas *falaises* de Cris-Nez.

Na *digue* ou esplanada que se ergue e estende sobre a praia ardente, o olhar, dirigindo-se para Boulogne, distingue a entrada do porto, o comprido molhe de oeste, o alto zimbório da catedral, a coluna de Napoleão (ou coluna do Grande Exercito), colinas e vales verdejantes a perder de vista; mais perto o forte Vauban e o antigo porto, enquadrado de magníficas *dunas* ou *médos*, ao pé das quais a ribeira La Slack vem rolar as suas águas piscosas, para logo adiante as lançar no mar.

E, por um vivo contraste da natureza, a vista, dirigindo-se para o norte, para as costas inglesas, que com um tempo claro muito bem se distinguem, percebe a não grande distancia, rochedos monstruosos projetar-se no mar — contrafortes naturaes da aldeiazita de Audresselles, construída em promontorio sobre altas massas de granito — além das quais se levantam ainda altas escarpas, que vão indo até ás *falaises* do Gris-Nez.

Em frente, a oeste, a Mancha e a magnífica *rade* de Boulogne. O mar de vagas monotonas, todo salpicado por vezes de barquitos de pesca; a cada passo um, dois, tres vapores passam, cruzando. E olhando ao céu, lá risca num momento a asa audaciosa de aeroplano, lá singra mais além o oblongo pachorrento dirigível do correio.

E a este, rodeado de uma cintura campestre pelas aldeias de Raventhun e Slack, a antiga cidadela de Ambleteuse, edificada em anfiteatro a 35 metros de altitude, que, sopitada desde ha muito após seculos de glorias e de lutas violentas, nos aparece de repente trasformada na Base de Operações dos Portuguezes, que hoje se funde no simples Comando Militar Português de Ambleteuse.

Os inimigos de Ambleteuse dizem-nos que ella é a mais feia praia da França, com as suas quatro estações de ano em cada dia, com os seus ventos desabrigados, açotados de neve no inverno, de asperas areias no estio: dizem-nos mesmo que ella engendra tuberculosos e apontam-nos o numero de homens que ella nos levou. Nem nos dizem a poesia dos seus *chalets* e *villas* de nomes *coquettes* e *gardidos* (!) nem nos falam das centenas de banhistas que acorriam antes da guerra, na epoca balnear, a dar animação e vida a esta terreola de 800 habitantes (em grande parte pescadores), nem da permanencia que annualmente aqui faziam nas férias grandes, os estudantes da Universidade Catolica de Lille, que n'um barquito (hoje em prestado á Cruz Vermelha Portuguesa) barqueavam em pesquisas

(1) Alguns nomes: *Sole Mio* (foi residencia do general Tamagnini), *Reine des Prés* (lá morreu o general Gomes da Costa), *Courire d'Aeril*, *Brise de Mai*, (habitação das irmãs da Cruz Vermelha), *Le Home* (residencia de uma familia refugiada de Valenciennes, e que soube ser prefeizer o mais bizarro acolhimento aos portuguezes), *Rayon Vert*, *Villa des Sirènes*, *Campanile*, *Hurlevant*, *Non Repos*, *Beau Rivage*, etc., etc.



Em Ambleteuse, no cabo Gris-Nez — A praia

oceanograficas, que vinham enriquecer o Laboratorio de Zoologia Maritima, que aqui em Ambleteuse a U. C. de Lille tem mantido (1).

— E não nos falamos sobretudo da tradição historica da velha Ambleteuse. E' essa que nós vamos a largos traços rastrear.

Nos rochedos de Ambleteuse foram encontradas moedas romanas em grande numero. O Museu de Boulogne possui 136 d'essas moedas, uma estatua de prata de Marte, e uma taça tambem de prata.

E' que Julio Cesar veiu duas vezes embarcar ao

zer o primeiro porto de Ambleteuse. Vieram os normandos e durante meo seculo saquearam esta costa. Em 879 desembarcaram em Ambleteuse e subiram o Slack. Saíram-lhes á frente os Cordes de Boulogne e de Hesdin, com 30:000 homens, mas foram batidos entre Wimille e La Slack. O Conde de Boulogne, perseguido até Samer, foi morto com a Condessa nos degraus da igreja. Os normandos entregavam-se a todas as crueldades: um manuscrito da Biblioteca de Boulogne diz que eles «desmembravam as crianças, cortavam-nas aos pedaços e até as assavam no espeto».

Mais tarde, em 1109 o conde bolonhez Renault fez aumentar o porto e deu a Ambleteuse privilegio igual ao de Boulogne. (2) Foi então que a terra começou a tomar importancia. Em 1260 fez elle construir fortificações. Em 1290 era Ambleteuse uma cidade consideravel.

Mas a época mais brilhante começa em 1544, sob a dominação ingleza. N'este ano, apesar da sua resistencia heroica, foi Ambleteuse tomada por Henrique VIII de Inglaterra, que aqui fez o seu deposito de munições do continente, procurando tornar a praça inexpugnavel.

Estava n'estas condições, com os seus 12:000 habitantes, quando a 2 de agosto de 1549, Henrique II, rei de França, a cercou, vindo por Marquise e retomou aos ingleses. Em 25 de agosto acampou o exercito nas alturas de Bazinghem.

As suas fortifica-



Em Ambleteuse.—O posto alfandegario ao cabo Gris-Nez.

Portus Itius para ir combater os Bretões. Tem-se discutido muito sobre qual a situação a que corresponde esta designação de *Portus Itius*. Pronunciam-se uns por Ambleteuse, outros por Wissant, Boulogne, Le Portel, Etaples e até Calais, Gand, etc. Fixemos, como os mais autorizados, por estas paragens de Ambleteuse ou Boulogne. Diz-se que a armada de Cesar era constituída por 800 navios. Como os pescadores do velho Ambliholinus devem ter seguido de olhos anciosos o vogar d'esta poderosa esquadra, que, fazendo-se ao largo ao sol poente, devia abicar ao meio dia do dia seguinte ás costas da Grã-Bretanha!

Os primeiros habitantes de Ambleteuse sofreram muitas invasões: em 368, os Franco e os Saxões «entraram por toda a parte com violencia, despojando sem piedade as populações».

Sabe-se que já pelos anos de 600 o porto Ambliholino era celebre por ser de facil accesso, que lhe permitia o commercio maritimo, e que a maior parte dos viajantes que passavam para Inglaterra vinham embarcar a Ambleteuse.

Carlos Magno em 810 visitou toda a costa de Boulogne a Wissant e provavelmente mandou fa-



Em Ambleteuse.—O barco de recreio da Universidade Catolica de Lille, emprestado ao Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa. N'ele se faziam pescarias, sendo o peixe destinado á alimentação dos doentes.



Em Ambleteuse, no cabo Gris-Nez.—Uma familia de pescadores

ções, muito danificadas, foram arrazadas em 1554.

A situação de Ambleteuse impressionou Luiz XIV, quando em 1680, (20 de julho) elle visitava o *Boulonais* litoral. Estava então Ambleteuse em decadencia. Não tinha mais de 500 habitantes. Encarregou o grande arquiteto Vauban da reparação do porto e de construir, para lhe defender a entra-

(1) A carta de Renault de Dammartin, conde de Boulogne, começa assim: «Sachent tunus ceux qui ce presentent l'tres verrent que Moi kegnaut, conte de Boulogne et Yde, ma fen me, que nous constituens une ville ens Ambleteuse... nous sera dû ou ren u par chacun an demi poc. uin d'avoine et deux glines payés à la fête de tous les saints. Item... (Note-se este glines em vez de poules, como hejs se diria. Mas pelos vilages do Pa-de-Calais e do Nord ainda muitas vezes ouvimos o patois dizer glines...»)

(2) Serviu este barquinho para fazer copiosas pescarias, que abasteciam o dito H. C. V. P.

da, um forte, que no momento actual está servindo de presidio militar português. A guerra veio anular o projeto grandioso de Luis XIV.



Em Ambleteuse, no cabo Gris-Nez.—Um rebanho de carneiros no pasto.

De tam vastos projectos nada mais resta do que a comporta e o velho forte, que perpetua o nome de Vauban. Mas uns holandezes já tinham pensado em utilizar para o seu commercio o novo porto; tinham proposto ao govêrno canalisar o Slack para transportar por mar o granito das pedreiras do Haut-Blanc e já se tinham instalado em Marquise que ainda conserva a sua rua dos Holandeses.

A Ambleteuse veiu desembarcar em 4 de Janeiro de 1689, pelas 2 horas da manhã, Diogo II, de Inglaterra, para escapar á decapitação que coube em sorte ao seu antecessor, Carlos I.

Quando Napoleão concebeu o intento de fazer um desembarque em Inglaterra, e concentrou as suas forças no Campo entrincheirado de Boulogne, de 1805 a 1805, reparou que a 5 kilometros ao norte da cidade, 25 kilometros ao sul de Calais, havia uma excelente posição estratégica — era a velha Ambleteuse. Ordenou á ala direita do Grande Exercito que aí fosse acampar. Ele proprio se aboletou num castelito sobranceiro ao *Carrefour St. Pierre*, onde hoje um diligente cervejeiro amanha o seu commercio, muito embora conservando religiosamente — diz ele — o mobiliario do quarto imperial, onde por vezes tem dormido agora o sr. major-juiz do C. E. P. Nas casinhas baixas, todas de tipo igual, (fronteiras ao Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa), onde hoje habitam pacificos pescadores, aboletaram os officiaes napoleonicos. O porto chegou então a ter fundeados 121 barcos de guerra. Mas o projecto não pôde ir avante.

Napoleão pensara em fazer de Ambleteuse «um dos mais belos e dos mais seguros portos da Europa».

Sabe-se como Napoleão se viu forçado a levantar o acampamento de Boulogne para encetar então a sua imortal campanha de Austerlitz.

Do porto de Ambleteuse que o Bonaparte

sonhara não resta hoje mais do que o forte e a comporta de Slack.

Merece referencia especial o nome de S. Pedro ligado á velha praia de Ambleteuse. Não vá o leitor entrar em confusões supondo que o orago desta freguezia é o velho S. Pedro, que a tradição diz ser careca e a historia nomeia como o primeiro dos apóstolos e dos papas. Não. Este não era papa, contentava-se com a modesta honra de abade, abade do mosteiro de Cantuaria ou Canterbury, em Inglaterra, companheiro de Santo Agostinho.

A este S. Pedro de Canterbury, dos inglezes, chamam aqui S. Pedro de Ambleteuse e ergueram-lhe uma capela junto da fonte milagrosa que brotou do proprio tumulo do Santo.

Digamos agora um pouco da historia moderna de Ambleteuse: Em Setembro de 1917 estabeleceu-se aqui, transferida de Etaples, a Base de Operações do C. E. P., a *vaza*, como por uma facil troca de consoantes lhe chamavam ás vezes os soldadinhos analfabetos que vinham da frente. Por essa mesma ocasião foi criado o Hospital de Base n.º 2, (1) visto que o H. B. n.º 1, de construção mais applicada, não estava ainda concluido. Este H. B. 1 veio a ser inaugurado só em março de 1918, e a batalha de la Lys em 9 de Abril veio apressar a abertura do Hospital que a Cruz Vermelha Portuguesa fez construir em Ambleteuse para recolher soldados nossos. No dia 11 improvisou esse hospital condições para receber e tratar algumas dezenas de

officiaes feridos, gaseados ou doentes. Nesta altura cai na risonha praia de Ambleteuse uma avalanche de gente de frente.

Alguns milhares de portuguezes se juntaram em Ambleteuse.

A' vista da chusma de então, isto hoje é um deserto.

ANTONIO
BARRADAS



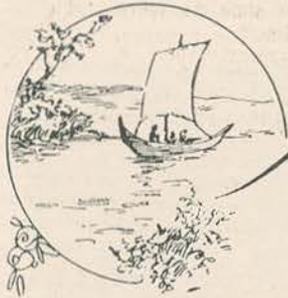
Em Ambleteuse.—As traseiras das casas de pescadores, onde estiveram aboletados os officiaes de Napoleão. Este cliché foi tirado n'um dia de grande nevada.

(1) Não suponha o leitor que algum pronuncia estes nomes todos por extenso, Hospitat da Cruz Vermelha ainda ouvirá dizer, mas aos outros ninguém se refere senão dizendo: H. B. 1, H. B. 2.



Em Ambleteuse.—A tradicional festa de S. Pedro.

MULHERES DE AVEIRO



delicioso da beira-mar, onde o Vouga se espreguiça e as suas aguas claras e transparentes da ria de Aveiro se alargam n'uma area enorme, por entre canaes e esteiros, orlados de tamargueiras, hervagens espessas e altas, florestas de pinheiros rumorejantes, notou que alguma coisa faltava ainda de mais soberano e gentil para completar a grandeza cintilante do quadro. Foi então que creou as suas mulheres.

Altas, esbeltas, d'uma harmonia surpreendente de linhas, traduzem com maravilhosa fragancia a correção estética da estatuaria grega. O andar leve e requebrado, como o d'uma arveola, alguma coisa tem de subtil, que as torna ideaes. Os olhos expressivos e humidos, distilam um filtro fascinador, e os labios, d'um vermelho de papoila, arqueiam-se suavemente em aneios de misteriosa volupia.

Nas suas maneiras, nos seus gestos, em todo o seu donaire atraente, sente-se um ar de aristocratico relevo, que nos envolve n'uma atmosfera de simpatia.

O aceio de que se revestem, e que por vezes vae até ao exagero, rescende frescura inebriante. E' certo que o seu traje já não ostenta o caracter primitivo d'outros tempos. O francesismo dominador invadiu tudo, alterando em sucessivas mudanças a originalidade das regiões. A mantilha de pano preto, tão graciosa que lhe envolvia o busto gentil, debruada de larga fita de veludo, abas amplas, rematando no alto das costas com um feixe de fitas tambem de veludo, foi geralmente abandonada, para ser substituida pelo vulgar chaile de merino, de longas franjas de seda entranchada.

O figurino estrangeiro é que, sobretudo,

impõe a lei. Se ele ordena o uso de longa cauda roçagante ou a saia redonda á ingleza, a mulher de Aveiro obedece-lhe submissa por temer cair no ridiculo ou na critica desdenhosa. Comtudo, não ha mulher alguma por esse paiz que possua a arte, como ela, de lançar um chaile sobre os hombros ou ostente com a sua graça um lenço de seda na cabeça. Qual! A nenhuma outra pertence esse privilegio. E' só d'ela, é de sua natureza.

Depois, ninguem ha que exceda no apuro do calçado. Como ela segura a chinelinha de verniz na ponta dos dedos, a deixar vêr todo o pé na meia branca muito repuxada!

Onde a mulher de Aveiro se póde admirar em toda a sua luxuosa galanteria é nas festas solénes do ano. Pelo Natal e Pascoa, sobretudo, exhibe o que o seu genio creador lhe inspira de mais requintado. Embora o velho rifão indi-



Tricana de Aveiro—Trajo antigo



Tricana de Aveiro—Transição para o traje moderno

gena proclame que pelo *Natal se vestem as rannhosas e pela Pascoa as formosas*, a sua beleza nada perde em qualquer d'essas épocas. São sempre as mesmas mulheres galantes, esmeradas, d'um sentimento elevado e puro.

Se depois vamos surpreendê-las: n'um baile, espantamo-nos com o seu porrte devéras senhoril. Ha nobreza na sua atitude, ponderação na sua linguagem, graça n'o seu

gesto, vivesa no seu dansar, quer redopiando no ardor d'uma valsa, quer saracoteando-se nas *rodas* populares.

Só frequenta, porém, as romarias por mera curiosidade raramente se envolvendo nos bailaricos rusticos, por que detesta a estropeada turbulenta, entre encontrões brutas e poeirada sufocante. Respirando o perfume das flôres e estontear-do-se nas cintilações da luz, que acariciam uma sala,



Uma triciana de Aveiro no seu traje de baile.

é que se sente bem e patenteia todo o seu espirito vivaz.

Duas romarias só ha, em que não pôde furtar-se á expansão do seu temperamento jovial: a Senhora da Saude, na Costa-Nova, e a Senhora das Areias, em S. Jacinto. Aí, sim. De cabelo ao vento, cha'le traçado a tiracolo, saias arregaçadas, pés nus, ergue a voz em descantes cristalinos e pula sobre a areia sem mostras de fadiga. Parece brotar-lhe do peito uma estranha energia. A toada do mar inflama-a

Do mesmo modo que a mulher de Aveiro enverga um chaile e aperta um lenço na cabeça, põe um chapéu e traja como uma verdadeira dama. Não se lhe descobre, por isso, nem acanhamento, nem tibieza ou perturba-

ção. Quem a não conhece u, julga estar em frente d'uma senhora de princípios, tal o requinte de polidez, que lhe é natural.

D'esse dualismo de qualidades, que se descobre na mulher de Aveiro, resulta a gente convencer-se da patente superioridade da sua raça, diferenciando-a de todas as mulheres portuguezas. E é assim, que as referencias que Teofilo Braga faz a seu respeito em «A Patria Portugueza», filiando a n'uma origem grega, leva-nos a crer que o tipo da região da beira-mar, principalmente de Ilhavo a Ovar, e ainda o que se localiza em Viana do Castelo, é de uma perfeição excrcional, revelando um apuro de formas surpreendentes, unicas, tambem já assinaladas por Garrett nas suas encantadoras «Viagens na minha terra».

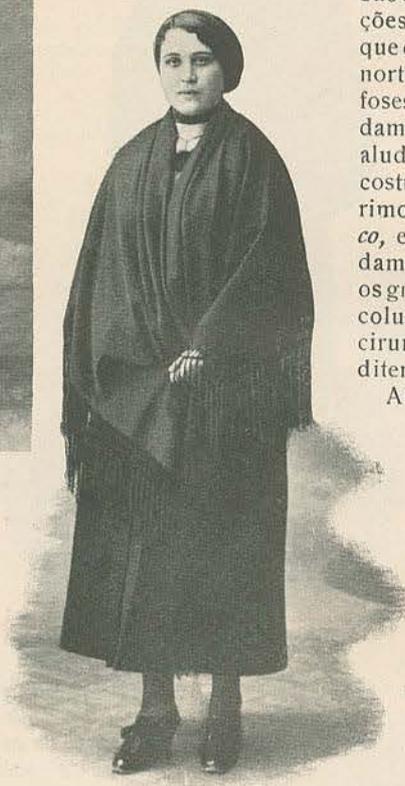
Para reforçar esta presunção temos tambem os trabalhos dos geografos antigos, como Strabão e Plinio, que se referem ás migrações de colonias gregas e inicias, que costearam o nosso litoral para o norte, estabelecendo estações nas foses e margens dos rios, nomeadamente Vouga e Minho. Strabão alude até ás analogias dos seus costumes nos ritos cultuaes e cerimoniaes do casamento *more graeco*, embora outros autores prefendam contestar isso, dizendo que os gregos nunca passaram além das colunas de Hercules (Gibraltar) circunscrevendo a sua ação ao Mediterraneo e mares adstritos.

Alexandre Herculano, porém, escrupuloso como era nos seus trabalhos, confirma na sua monumental «Historia de Portugal» o que aquelles acima afirmam.

Mas seja como fôr. O que é certo é que o tipo da mulher de Aveiro difere, pela sua elegancia e estatura esbelta, do de todos os demais. Que o leitor curioso e apaixonado pelas coisas da sua terra se tire de cuidados e vá até Aveiro ajuizar das nossas considerações, concretizando no fim, (temos d'isso a certeza) que nos norteou n'este rapido estudo

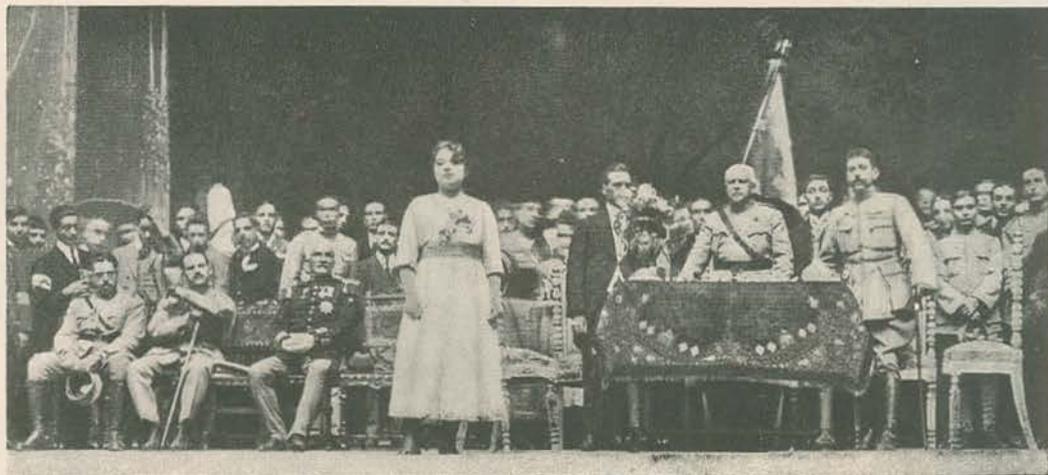
apenas uma conscienciosa observação e o desejo de divulgarmos com sinceridade um dos tantos aspétos pittorescos que tornam este invejavel cantinho do extremo ocidente, que se chama Portugal.

Renato Melo Franco.



Outra triciana de Aveiro no seu traje moderno
(Clichés do distinto fotografo sr. J. Ramos, de Aveiro).

O batalhão academico



Um aspecto do palco do Coliseu dos Recreios na festa de homenagem ao Batalhão Academico de Lisboa, na ocasião em que uma das senhoras da comissão recitava uma poesia patriótica. Na mesa da presidência vê-se o general sr. Abel Hippólito, tendo à sua esquerda o sr. Levy Bensabat e à direita o sr. Henriques d'Almeida

O Batalhão Academico de Lisboa, que tão bravamente se distinguiu em Monsanto e no norte por ocasião do ultimo movimento monarchico, recebeu, n'uma linda festa do Coliseu dos Recreios, mais um testemunho de admiração, do apreço e do reconhecimento que lhe votam quantos acompanharam a sua obra de fé, patriotismo e abnegação. Consis-

tiu na oferta de uma preciosa bandeira de seda bordada a ouro, presidindo ao acto solene o chefe do Estado, e tendo sido pronunciados eloquentes discursos em que se exaltou a valentia dos moços estudantes republicanos, esperança de Portugal e palladio das instituições que o paiz livremente escolheu.



A comissão que levou a efeito a festa dedicada ao batalhão academico, ao qual foi oferecido uma bandeira, como homenagem pela sua ação no ultimo movimento insurreccional monarchico. No primeiro plano, a sr.^a D. Laura Sobral, promotora da festa, tendo à sua esquerda o general sr. Abel Hippólito e à direita o coronel sr. Alves Pedrosa.

(Clichés A. Franco).

Exposição de pintura de João Vaz



Uma rua de Tomar

No Salão Bobone expoz João Vaz, o ilustre pintor marinhista, mais uma serie de trabalhos sob todos os pontos de vista notaveis e que nol-o mostram na plenitude das suas brilhantissimas faculdades. A costa portugueza, as aguas oceanicas que a beijam e a franjam de espuma, as praias rissonhas, as baías tranquilas, os placidos cursos fluviais, as ribas e os casinhotos que se debruçam dos penhascos sobre as ondas, os pinheiraes da beiramar, os barquinhos que singram velozes, os ceus luminosos e azues, os horisontes espelhados e clementes — tudo o pincel de João Vaz reproduz com uma verdade absoluta, realizando maravilhas de colorido, de transparencia, de pers-



Beira mar

pectiva, surpreendendo pela segurança da visão que lhe permite distinguir e graduar cambiantes, de modo que, pintando as aguas e os ceus de norte a sul, de Espinho a Sagres, sem esquecer o Tejo e o Sado, o grande artista fixa todos os tons bem diversos e compõe uma galeria de quadros onde não ha dois que se assemelhem embora os assuntos sejam identicos.

A exposição do mestre João Vaz mereceu do publico e da critica o mais justo e lisonjeiro acolhimento, desfilando pelo salão Bobone quantos conhecem e admiram o talento consagrado do pintor que occupa um lugar eminente entre os seus camaradas mais insignes.



O talentoso pintor sr. João Vaz no Salão Bobone, onde expoz os seus ultimos trabalhos artisticos, que foram muito apreciados.



«Ao puxar da rêde» (Espinho)

(Clichés A. Franco)

A Feira da Guerra

Lyon, Abril de 1918.

Sob o alto patrocínio do sr. Eduardo Herriot, senador e *maire* de Lyon, do *comité* presidido pelos srs. Lignon, Rivoire e Victor, grandes industriaes da região lioneza, fundou-se, ha quatro anos, na grande capital industrial da França, a feira anual, que, progressivamente, se desenvolveu, creou forças e se duplicou, a ponto de se tornar... bi-anual. Sim, por que, a partir d'este ano, haverá, em lugar de uma, duas feiras de Lyon, de 1 a 15 de Março e de 1 a 15 de Outubro. Mas que é a Feira de Lyon?

E' a reunião dos fabricantes e produtores da França, dos paizes aliados e neutros de todo o mundo, em contacto com os mercadores dos diversos paizes amigos e aliados. E' um grande mercado d'amostras. A região industrial lioneza, com os seus dois milhões de



Um trecho da feira, proximo do caes da *Tête d'Or*

dit Lyonnais, não podia deixar de pôr-se á frente do movimento de protesto comercial que secundasse a ação das armas aliadas. Esta o origem da *Feira de Lyon*. O mercado inter-aliado, ha de desenvolver-se, absorver os mercados concorrentes e, quem sabe? atrair, na orbita imensa das suas transações, os proprios centros inimigos d'hoje, tutelados d'amanhã. Teremos assim obtido a desforra completa dos agravos que sofremos, durante tantos anos, nos campos de batalha e no terreno economico. O que caracteriza a *Feira de Lyon* é o seu aspéto internacional acentuado. Ela agrupou, n'um quadro magnifico, todos os paizes que se bateram pelo ideal dos Povos na Grande Guerra que acaba de decidir-se e, ao proceder a este apêlo ao interesse das nações amigas, Lyon teve apenas em vista desarmar completamente o inimigo comum, que, pelo comercio, preparava o complemento da guerra sanguinaria.

Todos os paizes aliados e a maior parte dos paizes neutros dos dois hemisferios responderam, com o envio de produtos originaes, ao convite

que lhes fez, ha 4 anos, a grande cidade laboriosa do Rhódano. Como se procede n'esta exhibição d'amostras, que já suplantou a de Leipzig?

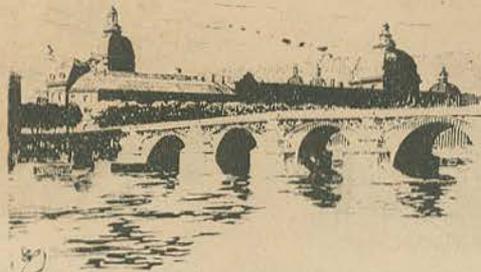
As transações são



No passeio de Verdun, lado da Saone.

habitantes, a sua esplendida situação geografica, a sua autonomia economica e financeira, estava naturalmente, talhada para tomar a ofensiva comercial contra a invasão comercial *boche*.

O «emporio» da seda e a séde do «Cre-



Lyon.—A ponte da Guillotière



Outro aspecto da feira vista da praça Carnot, lado sul,



O salão Automobilista, situado na praça Bellecourt.

operadas perante as amostras, que o comprador pode fazer modificar pelo fabricante, adaptando-as ao gosto da clientela. Feita a escolha procede-se á fabricação das mercadorias, que são imediatamente expedidas. A venda a retalho é proibida. As amostras são expostas metodicamente, em 55 grupos profissionaes, o que permite aos visitantes a comparação dos produtos e a seleção imediata. Um catalogo oficial facilita ainda este trabalho, indicando por ordem alfabe-

tica os grupos profissionaes e a natureza das amostras.

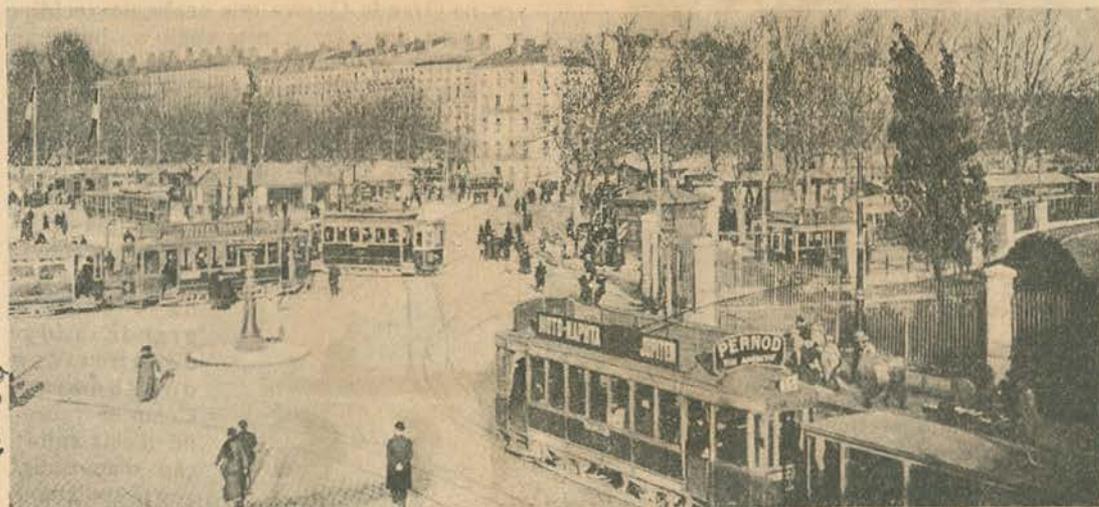
Pela diversidade dos artigos expostos e pela importancia das transações realizadas, esta grande *Feira da Entente* conquistou já o primeiro lugar entre os grandes mercados internacionaes de todo o Mundo.

E' a arma victoriosa da nossa guerra economica.



Em Lyon.—Um grupo de convidados que tomaram parte no banquete realizado em honra dos jornalistas aliados a que presidiu o sr. Herriot, *maire* de Lyon. (Cliché da fotografia Isabey, de Lyon).

Margarida de Almada Negreiros.



Um trecho da Feira de Lyon defronte da Gare de Perrache

(Clichés Pierre Tissot).

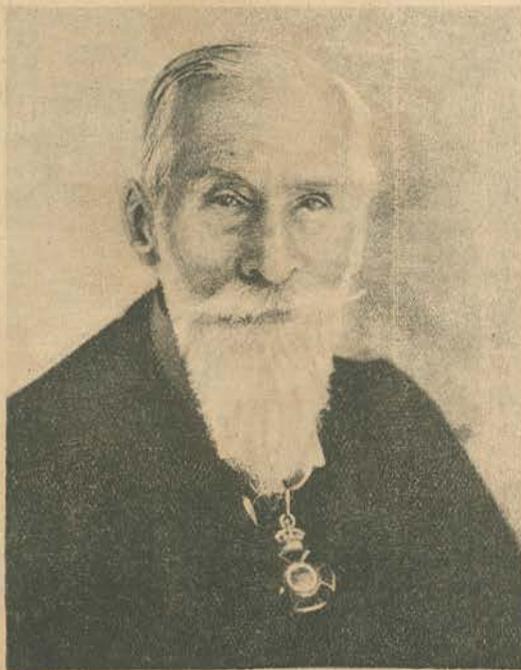
O EXERCITO DO BOLCHEVISMO



Em Moscou.—Trotsky, commissario bolchevista da guerra, seguido d'um numeroso estado maior, passando em revista um dos regimentos da elite do famoso exercito vermelho, de que foi o principal organisador.

A morte d'um sabio. — Sir. William Crookes, o veterano cientista, muito conhecido pelas suas notaveis investigações nos dominios da quimica, da fisica, e mesmo do espiritismo, de que era um dos mais ferrosos crentes, faleceu a 4 do mez findo, com a idade de 86 anos, na capital da Inglaterra, que fôra o seu berço.

D'entre as suas mais importantes descobertas, com que alcançou uma completa e mundial reputação, citaremos apenas a da existencia d'um novo elemento quimico *othallum*, que, como se sabe, é um metal branco que se encontra nas *pyrites*; a da «materia ra-



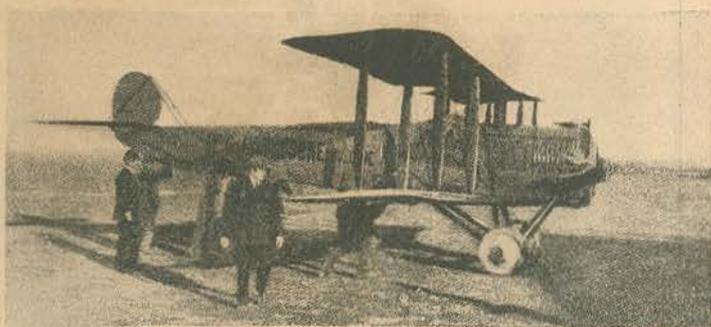
O grande cientista sir William Crookes

diante», que, segundo asseverou, é um componente da base fisica do Universo. Foi tambem o inventor do famoso «tubo do vacuo», a que deixou ligado o seu nome.

Dedicou-se a varios outros estudos como o da extração de *sacrose* da beterraba e dos metodos de tinturaria e impressão. Acerca d'estes multiplos assuntos escreveu muitos livros e colaborou em alguns periodicos. A sua morte, que causou uma geral consternação, constitue, pois, para o mundo scientifico, um perda irreparavel, tanto mais que, com o seu falecimento, terminou uma investigação quimica a que se dedicara.



Da esquerda para a direita: o tenente observador sr. M. B. de Massini, o tenente aviador sr. M. Rodier e o passageiro sr. Carreras, que executaram o *raid* Toulouse-Barcelona-Madrid.



O biplano *Latecoere*, em que foi efetuado o *raid* Toulouse-Barcelona-Madrid, no campo de aviação de Getafe, após a aterrissagem na tarde 11 do mez findo.

A aviação. — Dia a dia avolumam-se as conquistas d'aviação. O *raid* Toulouse-Barcelona-Madrid efectuado n'um aparelho da casa construtora de M. G. Latecoere, de Toulouse, marcou um lugar de especial destaque entre as anteriores viagens aereas, mais pelas variadas zonas atmosfericas percorridas do que pela extensão do vôo. Todavia, o biplano *Latecoere*, pilotado pelo aviador M. Rodier, um dos mais temerarios do Corpo d'Aviação do exercito francez, e que além do observador conduzia ainda um passageiro, conseguiu realizar aquele percurso apenas em 5 horas e 53 minutos. Com este *raid* levado a efeito em condições bem dificeis, o que não obistou a que decorresse sem incidentes, obteve a industria franceza mais um triunfo nas suas construções.

O aviador Védriues. — O tenente aviador Julio Védriues e o seu mecanico-fotografo Guillain, que haviam partido do aerodromo de Villacoullay, em Paris, para Roma, foram encontrados mortos em Saint-Rambert d'Albon, onde o seu biplano se despedaçára no solo. Não é possível prever as causas da catastrophe, não obstante algumas testemunhas do acidente asseverarem que se deve attribuir a uma *panne* do motor, tendo Védriues sido forçado a fazer *atterrissage* em condições dificeis.



O celebre aviador Julio Védriues

Védriues era incotestavelmente um dos aviadores mais conhecidos e mais admirados pelo publico. Antigo mecanico n'uma officina de motores d'avição obteve do «Aero-Club» de França, em dezembro de 1910, o *brevet* de piloto. Em todas as grandes provas organisadas em 1911 se distinguio Védriues. Foi o vencedor da corrida Paris-Madriid terminando só o percurso.

Com a morte de Védriues perde a França um dos seus mais antigos e arrojados aviadores.



Sr. Emilio Correia do Amaral.

O sr. Emilio Correia do Amaral é dos nossos compatriotas que no Estado do Pará muito tem pugnado por elevar o prestigio do seu paiz, onde se encontra desde 1907. Dedicase atualmente á vida comercial, tendo abandonado, por motivos de saude, a sua carreira de engenheira

civil e de minas, onde se revelara um tecnico de elevada competencia. Serviu como chefe da circunscrição d'Obras Publicas do distrito de Benguela e depois como engenheiro d'Obras Publicas em Coimbra. Após a revolução de 5 d'Outubro de 1910 foi nomeado consul de Portugal no Pará, onde já havia ocupado varios cargos na direcção de algumas das coletividades benemeritas portuguezas,



1



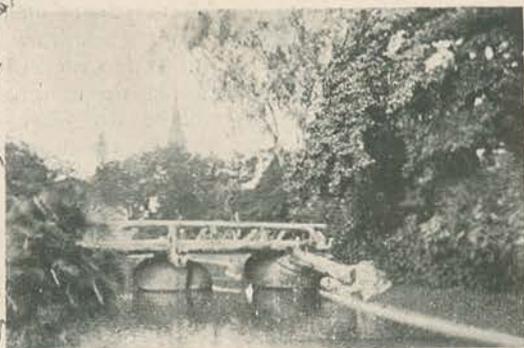
2



1. Sr. Antonio Leitão, diretor da Escola Normal Primaria de Coimbra, professor distinto, ultimamente reintegrado no quadro liceal, de que havia sido afastado pelo governo da presidencia do sr. João Franco.—2. O projeto do escultor sr. Tomaz da Costa para o monumemto a erigir a Vasco da Gama, em frente do mosteiro dos Jeronimos, e que o sr. presidente da Republica foi ver á Sociedade de Geografia. (Cliché A. Franco).

3. Visconde de Rio Torto, falecido em Gouveia, causando a sua morte a maior consternação.—4. D. Silvina John dos Santos Wallace, filha do sr. Wallace, vereador municipal d'Azambuja, onde a sua morte foi muito sentida.—5. Mannel Luiz Osorio, falecido em Estremoz, onde era muito estimado.—6. Manuel Luiz Marques de Matos, falecido na sua quinta da Lameira, na Lourinhã, com a idade de 102 anos.

RIO DE JANEIRO



No Campo de Santa Ana—Uma pitoresca paisagem do lago



O Caes do Pharox, vendo-se ao fundo as barcas da Cantareira

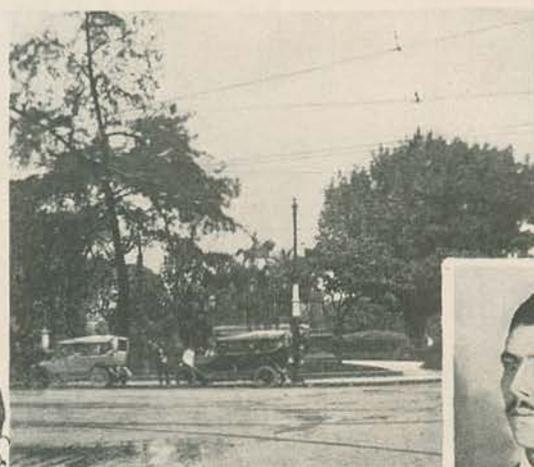
Que a cidade do Rio de Janeiro se reformou por completo, adornando-se com edificios grandiosos, muitissimos jardins e com avenidas, praças e ruas a cujas construções obedeceram todos os preceitos da hygiene e beleza, já é sabido dos nossos leitores e d'ela temos dado grande numero de fotografias dos seus mais curiosos aspectos.

Agora recebemos mais alguns clichés que o sr G. Afonso de Li-

ma, distinto fotografo-amador, nos enviou para que a *Ilustração Portuguesa* arquivasse nas suas paginas, o que gostosamente fazemos, agradecendo ao seu autor a gentileza com que distinguiu o nosso *magazine*, tendo os nossos leitores ensejo para admirarem mais uns trechos da capital carioca, que está considerada, sem favor como uma das mais garbadas e formosas da America.



A fabrica geradora da electricidade, que se consome na cidade do Rio de Janeiro, situada em Ribeirão das Lages, Estado do Rio de Janeiro



Um trecho da praça Tiradentes, antigo largo do Rocío



Na praça 15 de Novembro.—O monumento que perpetua a memoria do general Osorio



Sr. G. Afonso de Lima

COSTUMES DO JAPÃO



européia, rivalizando, quanto ao genio inventivo e construtivo, com as nações mais modernas e adiantadas, o Japão conserva, ao mesmo tempo, as suas tradições, os seus costumes tão originaes e bizarros e que são um dos atrativos mais fortes dos viajantes a quem compraz correr mundo, admirar civilizações, conhecer hábitos diversos dos nossos. Paiz admiravel, pelo encanto das suas paisagens formosissimas, dos seus jardins perfumados, das suas mulheres tão delicadas e melindrosas como as suas estranhas flôres de capitoso perfume e variado colorido, quem não puder conhecê-lo *de visu*, deslumbrar-se-ha conhecendo-o atravez das paginas de grandes homens de letras.

A muitos escritores celebres tem o Japão fornecido temas para volumes que se lêem com raro enlevo e prazer inegulavel. E não

só livros de viagens e de impressões, mas novelas de um sabor delicioso, inspirou o imperio do Sol Nascente... Dos escritores contemporaneos dois apenas citaremos: Pierre Loti, de reputação mundial, que em *Madame Chrysanthème* nos pintou a alma japoneza e,

simultaneamente, a paisagem em que ela desabrocha e se expande; Wenceslau de Moraes, o primoroso literato portuguez que, tendo abandonado a terra natal, se installou, ha longos anos, no Japão, e ali tem vivido como se lá nascesse... Os seus livros, admiraveis pelo que encerram de observação atenta e segura e de esilo ele-

gante e sugestivo, são dos melhores e dos mais dignos de serem lidos entre os que saem atualmente dos nossos prelos. Quem quizer conhecer o Japão não pôde dispensar-se de lê-los...



Alguns costumes e vistas do Japão

(Fotografias gentilmente enviadas de Tokio pelo sr. J. H. d'Almeida)

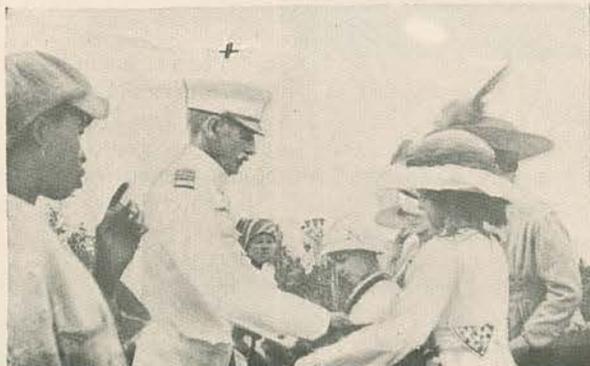
Festejos em beneficio dos orfãos da guerra



O match de foot-ball, um dos numeros do programa das festas em beneficio dos orfãos da guerra

Não quiz S. Tomé ficar indiferente ao movimento altruista que por todo o mundo se tem manifestado em beneficio d'aqueles que perderam o seu melhor amparo, em defesa da Patria, pelejando pela justiça e direito. Por isso mesmo uma comissão composta dos senhores Antonio Teixeira da Costa, Leonel Barral, Martins, Artur Alfredo Rodrigues, Francisco Antonio dos Santos Polvora, José Hermann (vitimado pela epidemia da *grippe* pneumonica) e presidida pelo sr. Ascenço Gomes da Silva, realisaram festejos, cujo produto, na importância total de escudos 2:756\$41 vaee ser entregue ao governo, afim de ser distribuido pelos filhos dos orfãos portugueses da guerra.

Os festejos constaram de jogos sportivos, recita de amadores no Cinema «Novo Mundo» e tourada. Na No recinto das festas foi feita a «Venda da Flor» por um grupo de gentis creanças de que faziam parte: Mesdemoiselles Palmira Pereira, O.-



O governador da provincia de S. Tomé, coronel sr. João G. D. Ferreira comprando uma flor á menina O. de M. e Oliveira



Os meninos que tomaram parte na Venda da Flor, dirigindo-se para o recinto em que se efetuaram os jogos desportivos, acompanhados das senhoras da respectiva comissão organisadora



As cortesias, ao iniciar-se a corrida de touros, outro dos numeros do programa das festas a favor dos orfãos da guerra, que mais entusiasmou a numerosa assistencia



1—Um aspéto da assisténcia á tourada, vendo-se assinaado por uma cruz o governador de S. Tomé, coronel sr. João Gregorio Duarte Ferreira. 2—Um trecho da assisténcia, onde se vê o governador da provincia, seguindo com manifesto interesse, o match de foot ball

ga Macedo Oliveira, Maria C. Moreira da Fonseca e Leal Bouças e os meninos Daniel e Luiz de Macedo d'Oliveira. A «Venda da Flor», que constituiu por si só um acontecimento, foi organizada por uma comissão de senhoras, inglesa, belga e portuguesa. Mesdames: Arny Ethel Warron, MacLeod, Jeannette de Macedo Oliveira e Maria do Rosario Moreira da Fonseca, servindo esta de presidente.

Todos os numeros dos festejos foram cumpridos e na sua assisténcia numerosissima, encontrava-se tudo que em S. Tomé marca um lugar de destaque.

Assim desta fôrma, S. Tomé, fez vin-

car as ideias humanitarias e altruistas de todos aqueles que sentiram o sacrificio dos que se bateram pela liberdade e pela justiça.

São, pois, dignos dos maiores louvores todos os que tiveram tal ideia e que com o seu esforço e trabalho para ela concorreram, visto que todos foram incançaveis na sua realisação, especialmente o grupo de senhoras que, através de todas as di-



A comissão promotora dos festejos com as senhoras que organizaram a Venda da Flor e as creanças que nela tomaram parte. Da esquerda para a direita, no 1.º plano: Capitão farmacéutico sr. Eduardo Martins da Fonseca, presidente da Comissão Administrativa Municipal; M.lle Palmira Pereira, menino Guy de Macedo e Oliveira, Madame Jeanette Macedo d'Oliveira, M.lle Olga d'Oliveira, sr.ª D. Maria do Rosario Moreira da Fonseca, presidente da Comissão da Venda da Flor; M.lle Maria Carolina Moreira da Fonseca, Miss Ethel Mac Leod, menino Daniel de Macedo e Oliveira e o sr. Ascenço Gomes da Silva, presidente da comissão dos festejos. No 2.º plano, os srs Antonio Teixeira da Costa, Leonel Barral Martins, gerente do Hotel Arte Nova; Artur Alfredo Rodrigues, Francisco Antonio dos Santos Polvora e José Hermant

ficultades, conseguiram um invulgar brilhantismo em todos os numeros de que participaram. Aqui publicamos algumas fotografias que o distinto fotógrafo sr. Costa Melo obsequiosamente nos enviou.



No recinto dos jogos desportivos: Exercícios de ginastica sueca

Uma fonte de riqueza

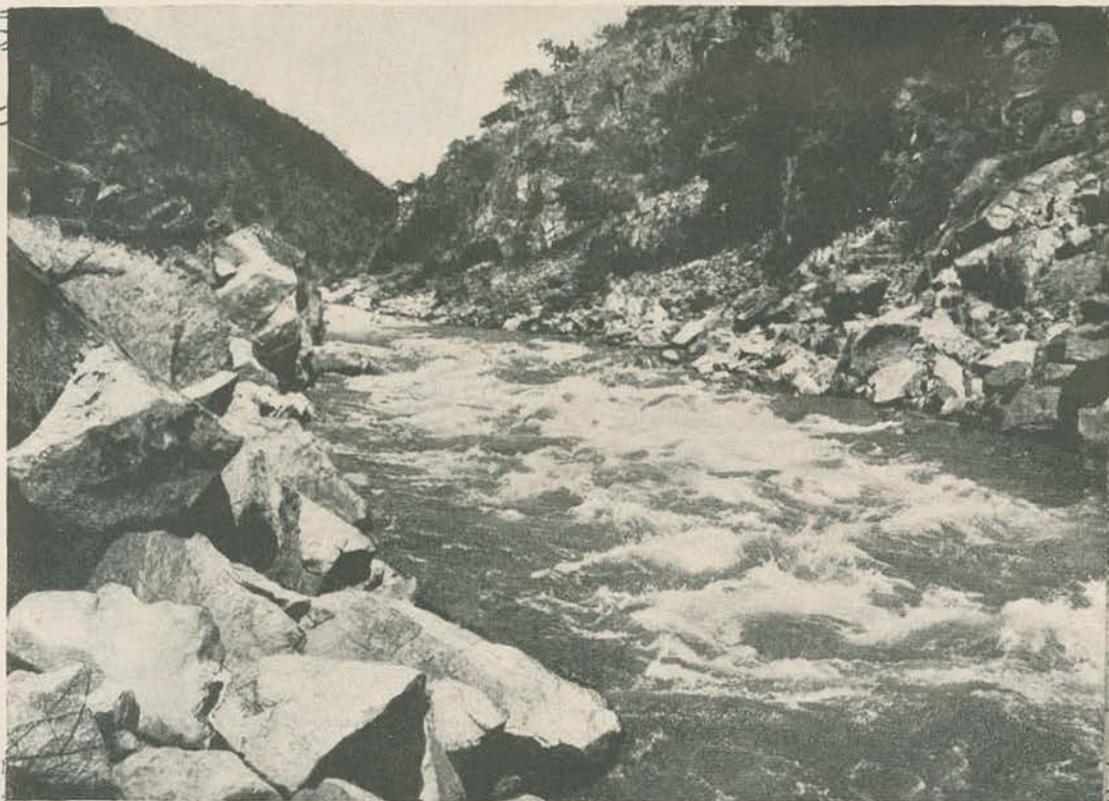
O sr. ministro do commercio, acompanhado de funcionarios do seu ministerio, foi ha poucos dias examinar as quedas de agua do Zezere, para resolver uma nova concessão, para que tem já muitos pedidos. No proximo numero publicará a *Illustração Portugueza* uma interessante reportagem fotografica que se realaciona com a visita do sr. dr. Julio Martins á Serra da Estrela.

O aproveitamento da energia hidraulica será para Portugal, como tem sido para muitos outros paizes, um grande factor de riqueza publica. Pouco se tem feito até hoje n'esse sentido, a não serem estudos que é necessario quanto antes traduzir em obras.



Ultimamente fundou-se em Lisboa a Companhia Nacional de Viação e Electricidade, sociedade anonima de responsabilidade limitada, com o capital de cinco mil contos, que já está trabalhando nas obras de uma grande queda d'agua no rio

Zezere e que brevemente vae iniciar as obras de outra queda no Rio Homem para estender a distribuição de electricidade a uma grande zona do Norte e a todo, o Centro do paiz incluindo Lisboa. A' energia hidro-eletrica está destinado um grande futuro e uma importancia capital no desenvolvimento do nosso paiz.



1 Um rapido do rio Zezere.—2. A ponte do Cabril sobre o rio Zezere

(Clichés A Franco).



Grupo de pescadores empenhados no concerto d'una rêle

(Cliché A. Franco).

A faina do mar, a faina da pesca foi sempre uma das mais queridas dos portugueses. Paiz marítimo, com um litoral extensíssimo, caes da Europa, de onde partiram ás descobertas os primeiros galeões, Portugal vive debruçado sobre o oceano e as populações da costa entregam-se á labuta de recolher, nas rêdes que fa-

bricam e concertam, o peixe que é um dos alimentos favoritos e que ainda lhes sobra para a exportação em larga escala. E como seria uma assombrosa industria, se aos poderes publicos o problema economico merecesse um pouco de cuidadosa e inteligente atenção!

Carta a uma senhora:



Ex.^{ma} Sr.^a

*Perguntou-me V. Ex.^a ha dias, lamentando-se, se haveria em Lisboa uma casa onde podesse comprar calçado bom e barato. Depois de indagações a que procedi, venho informal-a de que deve escolher a **Sapataria Salgado d'Oliveira**, onde encontrará, sempre solícito e diligente, o seu proprietário, o sr. João Salgado d'Oliveira, pronto a satisfazer todos os seus caprichos e capaz de lhe apresentar o calçado mais requintado e elegante de Lisboa. E' na **Rua Eugenio dos Santos, 62 e 64**, proximo do Colyseu.*

Esperando que V. Ex.^a se declare encantada, deponho aos pés de V. Ex.^a os meus respeitos.

João Chic.

Fornecedores de Sua Magestade El-Rei Jorge V.

"DEPOIS DA GUERRA,—A PAZ"

As restricções sobre a exportação de biscoitos e bolacha fina tendo sido supprimidas, a casa de

Huntley & Palmers

continúa, como antes da guerra, a fazer as suas expedições para todos os paizes.

Os typos e qualidade são absolutamente os mesmos e irreprehensíveis e os clientes devem mandar immediatamente as suas encomendas aos seus tornecedores habituaes a fim de não soffrerem demora na recepção das suas respectivas mercadorias.

HUNTLEY & PALMERS, LTD.

Fabricantes de Biscoitos
READING & LONDRES
INGLATERRA

CONTRA a°
ASTHMA
o PÕ
de **ABYSSINIA**
EXIBARD
alliole
Instantaneamente
R. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
8, Rue Ombasle, Paris.



Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, e na

Camelia Branca
L^o D'ABEGOARIA, 50
(ao Chiado) - Tel. 3270

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Accções.....	560.000\$00
Obrigações.....	288.630\$00
Fundos de reserva e amortisação	360.000\$00

Escudos..... 1:008.630\$00

SÉDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaiadas para uma produção anual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua, redonda ou de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princeza, 276. PORTO, 49, rua de Passos Manoel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. — N.º telef: Lisboa, 605. Porto, 117.

QUEREIS UM POSTIÇO BEM FEITO?

Vão á **CABELEIREIRA**
Rua do Norte, 34, 1.º

EXERCICIOS

E dieta, cura da prisão de ventre, doenças do fígado e intestinos. Preco dois escudos. Infante. Apartado, 152 — LISBOA.

Deposito geral no PORTO: kua Sá da Bandeira, 235.—Em LISBOA: Rua

TONIKIM
O ALIMENTO E JUVENTUDE DOS CABELOS

Arco Bandeira, 207, 2.º E.—Em BRAGA: Avenida Central.—No BRAZIL: PARA: Rua Padre Prudencio, 66.

O passado,
o presente
e o futuro

revelado pela
mais celebre
chiromante
e fisionomista
da Europa.

M. me
Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lam-brose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 3\$000 réis.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente, e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Caçada da Patriarca, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

Loja MODELO

Casa especial de espartilhos e meias. Uma visita ao nosso estabelecimento devem Vv. Ex.ºs fazer, a titulo de experiencia.

ROCIO, 4 e 5 — Telefone 2:566

COLGATE'S TALC POWDER



Pó de Talc Colgate

Substitue
com
grandes vantagens
o pó d'arroz.



Encontra-se
em todos os bons
estabelecimentos
que também
vendem sabonete
perfumes, loções
elixires dentífricos
crèmes, etc.
d'esta acreditada
marca americana

Indispensavel na higiene das creanças
e na toilette dos adultos.

AGENTES GERAES

SOCIEDADE LUSO-AMERICANA

DOS ESTABELECIMENTOS

GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, LT.

Rua da Prata, 145 — LISBOA

Telephone Central 4096

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

A EFICACIA DA LEI



O inquilino despejado, com os trastes e a família na rua:
 — Bem: uma riquíssima lei sobre o inquilinato já eu tenho. Agora, o que me falta é casa...



PALESTRA AMENA

Fato de guerra

Com o preço por que estão as fazendas e com o que o alfaiate leva de feitiço e aviamentos, não se admirem os senhores — nem, principalmente as senhoras — de me verem durante a estação calmosa, que ora começou inesperadamente, andar vestido com o fato com que me tem visto ha dois anos a esta parte, no verão, no inverno, no outono e na primavera.

Perguntar-se-ha como tenho feito o milagre e eu responderei que a necessidade os pratica sem dificuldade de maior. Ao principio custou-me, efetivamente, a suportar o frio com o corpinho metido n'uma fazenda levíssima quasi transparente; mas a gente a tudo se habitua, de maneira que, se no primeiro inverno algumas constipações apanhei por andar á frescalhota, no segundo poucas vezes espirrei, no terceiro nem senti arrepios e se o fato ainda durar até o quarto inverno, como é provavel, estou convencido de que me vai aquecer como se fosse da mais tochada lá.

Maior milagre tem sido o conserva-lo sem vergonha do mundo, mas isso mesmo tenho conseguido. Seis mezes depois de vestido pela primeira vez, mandei-o virar, ficando a fazer uma linda vista, pois que pelo avesso não era menos formoso do que pelo direito; de padrão liso que era, passou a ser fazenda aos quadradinhos, que até deu no goto a muitas meninas, quando me viam passear pela baixa.

Ensebado escandalosamente, metendo nojo á vontade mais gulosa, não houve remedio senão tingi-lo mezes depois, em seguida a uma demorada infusão e repetidas esfregadelas com escovas proprias. Ficou o que se chama uma beleza de fato e a sensação que continuei a produzir nas ditas meninas é das que se não descrevem em prosa chã, mas em apurados poemas.

Infelizmente não ha bem que sempre dure, de maneira que a fazenda distingue e o problema apresentou-se-me temeroso: ou sair para a rua em roupa branca, ou arriscar-me a que os meus amigos voltassem a cara para o lado quando me vissem. Mas para que tem um homem a imaginação?

A fazenda estava gasta aqui e além, já alguns orificios se alargavam temerosos; então voltei ao alfaiate e este cortando as calças, o colete e o casaco em varios pedaços, juntou os que ainda se encontravam validos e compoz-me esta bela andaina que hoje me vêem e que, se continua a carestia, ainda me hão-de ver por mais alguns anos e bons — por que conto mandar envernizar a fazenda, depois pô-la de escabeche, mais tarde alcatroa-la, passados tempos forra-la de cortiça, etc., etc.

Para ideias e economias o

J. Neutral.

Grèves hespanholas

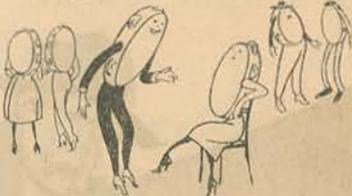
Aquela nossa excelente visinha não nos pode ver uma camisa lavada! Mal aqui se esboça um movimento, logo lá se realisam uns poucos; Portugal espirra, Hespanha tem imediatamente a pneumonia; nós sorrimos, ela tem a seguir um ataque de riso que nunca mais acaba...

Assim, andava engasgada com a nossa grève telegra-postal de ha tempos, porque ainda não tinha encontrado factor pelo qual a multiplicassem, até que o momento chegou:

— Ah! *ustedes* estiveram sem comunicações pelo correio e pelas linhas telegraficas? disseram os hespanhoes; pois bem: nós vamos suprimir por algum tempo todas e quaisquer comunicações!

Comunica-nos o informador que mandámos á fronteira:

«Não pude passar de Elvas. No



Caia quiz alugar um burro para ir a Badajoz, mas não pude, porque as comunicações burricais estavam paralisadas; chamei um camponez para me levar um recado por boca — respondeu-me, por sinais, que não ia, porque as comunicações oraes haviam sido suprimidas; quiz convence-lo, dando-lhe um duro, não estendeu a mão, porque todas as mãos estavam em grève!

«Sim, amigos: a palavra não se transmite, nenhum som se transmite! disse-me um amigo que estão em grève os pandeiros, os badalos dos sinos, os apitos, etc., etc. Aquilo é o pais do silencio e ai d'aquela que o quebra! Contaram-me que ha dias uns grévistas, em Olivença, entraram indignados n'uma casa de onde tinha partido um grito de mulher e se nada fizeram contra a desgraçada foi por terem em consideração que se tratava d'um parto difficil. São os unicos casos em que lá admitem que o ar transmita o som...»

Gatunos

A atriz Alice Figueira, do teatro Apolo, queixou-se á policia de que lhe roubaram os papeis de que lhe haviam distribuido para uma peça ali em ensaios, vendo-se assim impossibilitada de decorar o que tinha a dizer na mesma peça.

Ai está um percalço que tem, com certeza, acontecido ultimamente a muitos outros artistas de teatro. Vão os senhores ouvir, por exemplo, o *Bocaccio* e ficarão admirados da quantidade de roubos que tem agora havido n'esse genero.

Profecias

Afinal de contas, os sobresaltos que por ai se manifestaram enquanto durou a guerra, não tinham razão de ser, porquanto já desde o seculo XVI se sabia que no seculo XX a Alemanha ficaria esmagada.

Assim diz o *Figaro*, traduzindo do latim uma profecia de frei Johannes, na qual se conta que depois da luta entre aguias, leopardos, cordeiros, etc. reinará o cordeiro e iniciará-se-ha uma era de paz e de prosperidade.

Está tudo certo, menos isto do cordeiro: quando chegar a reinar já está carneiro e dos duros.

A limpeza da cidade

Esta Lisboa nasceu suja e por mais limpeza que lhe façam, suja continua e suja ha de morrer. Todos os dias os jornais noticiam *A limpeza da cidade*, mas seja em sentido proprio, seja em sentido figurado, cada vez nos emporcalha mais: quem voltar a casa sem nodos no fato, pelas pásadas de lixo que lhe atiram das janelas, e sem uma escoriação, pelas pedradas que se cruzam nos ares, pode dizer que sobre a sua pessoa se operou um milagre.

Bem sabemos que é isto precisa-



mente o que torna Lisboa interessante: sem estes incidentes, a nossa cidade seria como as outras capitais do mundo, monotonas á força de civilizadas; contudo, um pouco menos de pitoresco no referido sentido, não deixaria de impressionar agradavelmente, uma vez por outra, o indigena e quiçá o estrangeiro, por mais sêde que este tenha do improvisto.

...Ai fica a local, com a competente gravura, não porque tenha graça mas porque apanhámos hontem com um calhuo ao passarmos na rua de S. Marçal. N'estas circumstancias é desculpavel o desabafo d'algumas duzias de linhas e d'um arre! — á falta de expressão mais significativa.

Correspondencia

Lo osos. — Não ha de quê. Sempre que mande coisa de geito, tem-nos á ordens. O soneto d'agora é que não publicamos por que canta demastias elogiosas.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefa d'un anjo :

Nan tanhas duidas mulher com respêto ó que dizes e a siumeira ca mostras nas tuas regras que arresebi in mão propria pello noço cuupadre çancrista ca qui xigou onte pur cõsa das inleisões. Intão tu nan tens cunfiensa nu tè Jerolmo que nan vê outro çol nein oitra lua cenão a çua crida mulher? Prurivesme tu de ir ver a Ferineia porque u noço prior te meteu in cabessa que ela aparseu nuasinha in pêlo nu tirbunal de atenas prante us juizes: i ce açim foce, Zefa, tu inmajinas que eu era ome com pocas pra me batter com a Maria Fonceca, mulher de deus?

Mas nan te isquentes ca ispingarda nan tem fexo. U sôr prior isteve a xuxar comtigo, porque a tal ferineia grega nu tirbunal amostra munto menos u corpo cas cinhoras caqui aparesem na rua de pernas decutadas intê casi ó imbigio e cando calha tamem du imbigio pra sima.

A ferineia du sr. Marsalino Musquita. ou pur oitra, a Maria Fonceca nan xega a amustrar nem a oitava parte du corpo que era rialmente a oitava parte du, mundo aqui á dez ánus atraz. Amostra a cabessa, u pescosso, duas



belensias das grandes, canto á parte de riba da sintura; i canto á parte de baxo amostra cando munto duzentas i sincuenta gramas du açem, que nan dava pra mais de dois bifes i intê nein xigava a istifazer uma peça que cumia i ce prantava a xurar pur mais.

Istá pois descansada i acradita que çai du triatro tal cal cuma intrei, nu mêmo istado de moral, cem cintir a mais piquena insitasão ó pecado; ce virje intrei, virje çai i istou pronto intê a paçar attestado de bom cumporamento tanto á Maria Fonceca como ó Marselino que bem ce vê, pelos discursos que escreveu pró delgado i pró adevgado dezerem, que tamem já nan istá em idade de correr a fuguetes.

Cum isto nan te infado mais i mais uma vez te juro çobre a cabessa da noça marrã que me conservo fiel cumo cando çai da noça casa i que só sará teu inatamente intê ó dia de juízo ámem a teu marido i ispouso á facia da ingreja

Jerolmo.

Emprezario do Publiteama de Peras Ruivas.

EM FOCO

Maura



Desculpe, senhor Maura, se me exprimo Na minha bõa iingua portuguesa Em risco, ou mais ainda, na certeza De usted não perceber tão grande mimo.

Porém é n'ela só que penso e rimo E embora a sua arranhe, com franqueza, Tão acanhado sou por natureza Que a falar castelhano não me animo.

Tambem, o que a proposito da grève, Que ha já duas semanas o arrelta, Eu pretendo dizer-lhe, é coisa leve

É de tão diminuta fantasia Que facilmente se traduz e escreve... E' isto: — Viva la Conchita Uliá!

BELMIRO.

Livros, Livrinhos e Livrecos

Castelo do amor, de Manuel de Souza Pinto. — Poucos dias depois de nos dar *As mãos da vida*, com paginas que são uma maravilha, aparece-nos o illustre artista com uma coleção de contos, *Castelo do amor*, que nos encantam tanto como as suas obras de mais folego.

Visitas d'estas são de agradecer, embora não tenhamos salão com o devido luxo para as recebermos, mas uma pequena saleta sem atavios. Ai, porém, serão elas sempre recebidas com respeito, admiração e amizade.

Romantismo, de Manuel Neves. — Trata-se d'uma peça n'um ato, já publicada em jornal e que o autor tem para com o publico a amabilidade de publicar agora em livro, porque sabe que, em geral, jornais não se guardam.

E' cá da casa o Manuel Neves, de onde não admira que escreva excelentemente: tem talento proprio e a nossa convivencia fez o resto.

Mau! mau!

Que não se pôde tratar com mimo as crianças, caso é esse sabido ha muito. Se não, vejamos os senhores: os aliados teem tratado a Italia mãosinha de baixo, mãosinha de cima, não ha doce que lhe não tenham dado, festinhas que não lhe tenham feito, e agora, lá porque não lhe deram Fiume tão depressa como ella queria, ai está a pequerrucha amuada!

Conhecemos casos semelhantes. Todas as vezes que os pais tentam tirar com bom modos o amúo ao peiz, multiplicando os carinhos, prometendo-lhe brinquedos, declarando-se culpados, o

garoto refila, berra mais, bate o pé e não ha maneira de voltar á sociabilidade; se, porém, os progeniores se deixam de contumelias e dão dois açoites bem puxados no sitio competente da



cria, ella imediatamente pára de chorar e de fazer beicinho, passando-lhe a teima, que é um regalo.

Estamos no periodo da mimança agravada. Experimente as palmadinhas no sim-senhor, valeu?

Torre de chifre

A minha mãe

Não houve ninguem com mais mimo N'este mundo cheto de enganoso; Tinha eu apenas tres annos, Era eu ainda muito menino.

Minha mãe abanava o meu berço E cantava doces cantarres Que subiam alegres pelos ares E se espalhavam pelo universal

Todas as vontades me fazia Por isso não quero a ninguem Com o amor que tenho a minha mãe! Tanto como á Virgem Maria!

Foi ella que um dia me deu a luz E' por ella que eu vivo! Ah! nunca eu perca o seu consolo. Oh! Deus do ceul Amen, Jesus!

ANTONIO L. CASTRO.

Comerciando



A FREGUEZA:

— Cem mil reis este chapéu?! Mas o senhor, ha um mez, pediu-me por ele quarenta mil reis!
 — E a lei sobre os artigos de luxo, minha senhora? Agora, por cada escudo de valor temos de pagar vinte centavos..'